



Evento: XXVI Jornada de Pesquisa

O MOVIMENTO NEONAZISTA E A EXTREMA DIREITA NO BRASIL ¹

THE NEO-NAZI MOVEMENT AND THE EXTREME RIGHT IN BRAZIL

Camila Eduarda Weber², Ana Amélia Serafim Soares³, Daiane Raquel Steiernagel⁴

¹ Trabalho apresentado à disciplina de Psicodinâmicas Institucionais do curso de Psicologia da Unijuí.

² Estudante do curso de Psicologia da Unijuí.

³ Estudante do curso de Psicologia da Unijuí.

⁴ Professora doutora do curso de Psicologia da Unijuí.

RESUMO

Esta escrita discorre acerca do nazismo idealizado por Adolf Hitler no século XX e o surgimento de grupos neonazistas como os *skinheads*, comparando este movimento com a extrema direita no Brasil e a ascensão do presidente Jair Bolsonaro. Faz-se uma reflexão, a partir das contribuições sociológicas freudianas sobre a busca por um pai simbólico que pode ser entendida como causa de ambos os fenômenos, especificamente nas obras Totem e Tabu (1913) e Psicologia das Massas e Análise do Eu (1921), além da pesquisa bibliográfica de outros escritos acerca das temáticas nazismo, neonazismo, extrema direita no Brasil e bolsonarismo.

Palavras-chave: Nazismo. Integralismo. Bolsonarismo. Extremismo. Internet.

ABSTRACT

This writing discusses about nazism idealized by Adolf Hitler in the twentieth century and the emergence of neo-Nazi groups such as *skinheads*, comparing this movement with extreme right in Brazil and the rise of president Jair Bolsonaro. A reflection is made, based on freudian sociological contributions about the search for a symbolic father that can be understood as the cause of both phenomena, specifically in Totem and Taboo (1913) and Group Psychology and Analysis of the Ego (1921), in addition to the bibliographical research of other writings about Nazism, neo-Nazism, extreme right in Brazil and Bolsonarism.

Keywords: Nazism. Integralism. Bolsonarism. Extremism. Internet.

INTRODUÇÃO

É cada vez mais perceptível o destaque que movimentos de extrema direita estão tomando na atualidade, tanto a nível nacional quanto mundial. Governos de extrema direita têm alcançado uma grande quantidade de votos em eleições, como é o caso de nosso país, com a eleição do atual presidente Jair Bolsonaro.



Um dos movimentos de extrema direita mais marcantes da história é o nazismo, que surgiu na Alemanha após a Primeira Guerra Mundial, idealizado por Adolf Hitler e adotado pelo governo alemão entre os anos de 1933 e 1945, defendendo a superioridade da raça ariana, a eugenia e o racismo e caracterizando-se fortemente pelo totalitarismo e o nacionalismo (LOPES, 2016). Mesmo após ser proibida na Alemanha moderna, essa ideologia disseminou-se fortemente em todo o mundo, mantendo-se até hoje.

Um desses grupos presentes na atualidade são os movimentos neonazistas, também chamados de *skinheads*, que estão espalhados pelo mundo todo. Os grupos *skinheads* surgiram no Brasil na década de 80, influenciados pelo movimento de mesmo nome, originado no Reino Unido na década de 60. Ambos surgiram em períodos de crise econômica, política e social em seus respectivos países, como uma resposta ao momento (ANDRADE, 2013; SALEM, 1995 apud ANDRADE, 2013).

Na atual conjuntura, as ideias disseminadas por esses grupos, relacionadas ao racismo, homofobia, misoginia, entre outros, vêm ganhando cada vez mais espaço. Apresenta-se dessa forma, uma nova onda de conservadorismo e preconceito. Os líderes de extrema direita passaram a representar essa parcela da população que antes permanecia calada, mas que agora ganha voz através dos discursos de ódio, muitas vezes infundados e vazios. Isso se intensifica fortemente por conta do uso cada vez mais exponencial da internet por parte destes sujeitos para disseminar suas ideologias.

Através da articulação com os escritos de Freud em *Totem e Tabu* (1913), e *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921), essa escrita busca a compreensão do crescimento do movimento de extrema direita na atualidade, tal como se caracteriza o atual governo brasileiro e a constituição do nazismo e do neonazismo. É importante ressaltar que não é nosso intuito caracterizar o atual governo como nazista, apenas serão analisados aspectos dentre esses distintos grupos que se assemelham enquanto grupos de extrema direita.

A IDENTIFICAÇÃO COMO FORÇA PROPULSORA DO GRUPO

O nazismo teve seus estilhaços disseminados de forma significativa em todo o mundo, não tendo sido esse, portanto, um movimento político que afetou somente a Alemanha. No Brasil, desta influência constituiu-se o Partido Nazista Brasileiro, que durante os anos de 1928 e 1938 era totalmente tolerado pelo Estado, e, posterior a este período,



mesmo sendo proibido, era ignorado sob o olhar da lei. Esse movimento era um dos mais fortes de caráter nazista fora da Alemanha, o qual se intensificou após a Segunda Guerra Mundial e a derrota da Alemanha Nazista, quando diversos integrantes do Partido Socialista Alemão se refugiaram no Sul do Brasil e outros países da América do Sul, como Argentina e Uruguai (LOPES, 2016).

Nesse sentido, Andrade (2013) propõe que “para que se compreenda o neonazismo no Brasil é preciso entender a trajetória da extrema direita no país” (p. 73). Para o autor, precisamos começar pelo principal movimento de extrema direita do Brasil, sendo este o integralismo da década de 30, o qual propunha uma interpretação do fascismo para a realidade política brasileira. Esse movimento não se auto declarava nazista, uma vez que os moldes racistas e eugênicos não teriam apoio popular na população brasileira, de maioria negra e mestiça. Portanto, o integralismo se proclamava antirracista e defensor da miscigenação. Contudo, houveram na época denúncias de apoio do integralismo ao movimento nazista (ANDRADE, 2013).

O integralismo foi também um dos grandes motores da criação de um ambiente de terror e medo de uma possível revolução comunista no Brasil, o que era feito com o intuito de perpetuar a extrema direita no poder e o domínio do capitalismo, por meio da alienação da população. Em consequência, com o desencadeamento do golpe militar de 1964, que se configura como mais um evento marcante da trajetória da extrema direita no Brasil, muitos representantes do integralismo tiveram ascensão, passando a ocupar cargos estratégicos dentro do governo (ANDRADE, 2013).

Todo esse contexto político que é inerente à nossa história propiciou o surgimento de grupos neonazistas no Brasil, tais como os *skinheads*, sendo que um dos traços mais marcantes desse movimento no Brasil e que se diferencia dos demais países, é que seus membros compunham diferentes etnias, sem partilharem do conceito de segregação racial ou da simbologia nazista, o que estava pautado na mesma lógica do integralismo na década de 30. Em outras palavras, qualquer pessoa poderia participar do grupo (SALEM, 1995 apud ANDRADE, 2013). Foi com o passar do tempo que alguns grupos tornaram-se simpatizantes de ideias e símbolos nazistas (ANDRADE, 2013).

Os *skinheads* surgiram a partir da década de 80, período de estagnação econômica no país e incerteza política durante o período de redemocratização (ANDRADE, 2013). Quando



surgiu no Reino Unido, na década de 60, faziam parte do movimento jovens do proletariado que apresentavam preocupações acerca da falta de perspectiva de vida durante a crise do Estado de bem estar social. Através do grupo, procuravam mostrar sua indignação com o meio social no qual viviam (SALEM, 1995 apud ANDRADE, 2013).

Ao analisarmos essa conjuntura, tanto no Reino Unido quanto no Brasil, o surgimento dos *skinheads* se deu por sujeitos que se sentiam numa sociedade sem um pai simbólico e que precisavam se organizar em uma base patriarcal que lhe oferecesse um limite e a segurança necessária, tal como formulado por Freud (1913). No grupo, esses sujeitos puderam unir forças, fazendo com que passassem a pensar e a agir de maneira muito diferente do que cada membro agiria individualmente, o que os fortifica enquanto grupos, formando assim uma mente coletiva (FREUD, 1921). Ainda para Freud (1921), assim como pudemos perceber acerca dos grupos *skinheads*, a emoção em grupo torna-se extraordinariamente intensificada e a capacidade intelectual reduzida, assim como articulado por Le Bon (1895, p. 36) citado por Freud (1921, p. 49) quando diz que pelo simples fato de fazer parte de uma massa, “um homem desce vários degraus na escada da civilização.” Além do mais, vale ressaltar que, se o que une o grupo é a coisa que lhe é característica, nesses grupos *skinheads*, é o anseio de oposição e revolução.

Da mesma forma como os *skinheads*, a eleição do atual presidente Jair Bolsonaro surge em um momento de crise, insatisfação política e instabilidade econômica. Neste momento em que a população encontra-se insatisfeita e perdida, a mesma busca por um pai ao qual seguir e temer, no qual este está intimamente ligado ao discurso religioso e militar. De acordo com Safatle (2015 apud INDURSKY, 2020):

A história da democracia no ocidente é uma história de um retorno hesitante com relação, tanto ao núcleo teológico-político do poder, quanto a suas figuras fortemente religiosas e militarizadas. Se essas figuras retornam, é porque nunca de fato conseguimos abandonar essas concepções de poder, nem nunca de fato teríamos nos livrado de uma realidade social cuja matriz fundamental de relação é a guerra e a religião. (p. 155)

Em seu discurso, o atual presidente falou desses dois lugares: religioso e militar, figuras estas às quais a população brasileira ainda encontra-se muito atrelada e cativada. Freud (1921) propôs que essas duas instâncias, da igreja e do exército, dão a ilusão de que o líder ama todos os indivíduos de modo igual e justo, podendo-se considerar portanto que vincular-se a essas imagens evoca o imaginário de que se é bom para todos, gerando aceitação



popular. A extrema direita sempre procurou vincular-se a essas instâncias, usando-as como artifícios de dominação.

Freud (1921) caracterizou a igreja e o exército como grupos altamente organizados, permanentes e artificiais, uma vez que “uma certa força externa é empregada para impedi-los de desagregar-se e para evitar alterações em sua estrutura” (FREUD, 1921, p. 59). É postulado por Freud (1921), ainda, que uma religião é sempre uma religião de amor para aqueles que a seguem, e motor de crueldade e intolerância para os que não fazem parte dela. Este é outro aspecto ligado à extrema direita, característico do nazismo, onde o cristianismo tinha soberania sobre outras crenças, devendo os judeus serem chacinados.

Ainda, ancorado nesse imaginário de “bom para todos”, o atual presidente se apresenta como uma espécie de higienização e purificação da “velha política”, semelhante ao modo como o nazismo se constituiu. Para isso, declarando-se um presidente honesto, trouxe à tona todos os seus atos homofóbicos, racistas e raivosos, que antes eram fortemente repreendidos, “passaram a ser sinônimos de espontaneidade, coragem e, sobretudo, sinceridade: todos aqueles predicados que faltam à classe política” (INDURSKY, 2020, p. 159). Dessa forma, “o que Bolsonaro conseguiu construir com seu discurso foi a possibilidade de que o patético (...) instaurasse um novo espaço de verdade, por mais absurdo que isso possa soar” (INDURSKY, 2020, p. 159).

Com desenvolvimento das tecnologias e o advento das redes sociais, todas as questões supracitadas ganham uma nova forma de expressão, de maior alcance e mais rápido acesso. Dessa forma, coloca-se a liberdade de expressão em outro patamar. Com o uso da internet, os indivíduos e grupos ganham voz ao compartilhar suas ideias em escala global, e através desse compartilhamento, corroboram e se identificam com o mesmo sentimento, formando, assim, redes de relacionamentos. Porém, apesar de o ciberespaço ser um local que promove a liberdade de expressão e os direitos humanos, é, ao mesmo tempo, um ambiente facilitador para que se violem direitos fundamentais. Essa sensação de liberdade para atacar outros seres humanos no ambiente virtual se deve aos fatores do anonimato, da invisibilidade e da sensação de impunidade (ANDRADE, 2013).

O conceito de *identificação* é trazido por Sigmund Freud, especialmente no texto *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921), o autor dirá que:



A identificação é conhecida pela psicanálise como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa. Ela desempenha um papel na história primitiva do complexo de Édipo. Um menino mostrará interesse especial pelo pai; gostaria de crescer como ele, ser como ele e tomar seu lugar em tudo. Podemos simplesmente dizer que toma o pai como seu ideal. Este comportamento nada tem a ver com uma atitude passiva ou feminina em relação ao pai (ou aos indivíduos do sexo masculino em geral); pelo contrário, é tipicamente masculina. Combina-se muito bem com o complexo de Édipo, cujo caminho ajuda a preparar. (FREUD, 1996, p. 109).

A partir das concepções da psicanálise, a identificação pode ser observada desde a infância, especialmente no Complexo de Édipo, no qual há uma identificação do filho com o pai, tendo o pai como ideal, ser como o pai, até a fase adulta em outras formas ou com outras pessoas, ou seja, perpassa todas as fases da vida. Sendo que desde a sua origem é ambivalente, pois pode tornar-se expressão de ternura com tanta facilidade quanto um desejo de afastamento de alguém.

Freud pontua que a identificação teria três fontes, as quais podem ser resumidas da seguinte forma: Primeiro, a identificação constitui a forma original de laço emocional com um objeto; Segundo, de maneira regressiva, ela se torna substituta para uma vinculação de objeto libidinal através da introjeção do objeto no ego. E, numa terceira forma, a que mais nos interessa nesse momento, pode aparecer a partir de uma “nova percepção de uma qualidade comum partilhada com outra pessoa que não é objeto de instinto sexual”. Essa qualidade comum, quanto mais importante for, será mais bem-sucedida e “pode tornar-se essa identificação parcial, podendo representar assim o início de um novo laço”. (FREUD, 1996, p. 111).

Nos grupos observa-se que o laço mútuo existente entre os seus membros é da natureza de uma identificação desse terceiro tipo, baseada numa importante qualidade emocional comum, essa qualidade comum reside na natureza do laço com o líder, sendo que este, em alguns casos, pode ser substituído por uma ideia que funcionaria como uma espécie de líder secundário.

Diante destes pressupostos, observa-se cada vez mais o crescimento dos grupos neonazistas e dos grupos de extrema direita no Brasil e sua presença nas redes sociais como um todo. Dessa forma, “a internet tem funcionado como principal veículo de comunicação entre os grupos extremistas” (ANDRADE, 2013, p. 79), sendo assim, uma forma de identificação entre indivíduos e fortalecimento dos grupos. A nível de Brasil, foi possível



perceber um grande aumento das discussões político-partidárias na internet a partir das eleições presidenciais de 2018, enfatizando a já existente polaridade esquerda-direita.

É válido ressaltar que a discussão saudável entre pares e a liberdade de expressão são de extrema importância, porém muitas vezes os debates passam dos limites e transformam-se em discursos de ódio e de conteúdo preconceituoso. Estes são necessários, desde que não firam a existência de nenhum grupo humano. De acordo com Andrade (2013),

Exemplos de tais ofensas são discursos racistas encontrados em sites neonazistas de autores brasileiros. A discriminação e a intolerância a judeus, negros, nordestinos e homossexuais se baseia no pressuposto da superioridade racial, ou seja, da imposição de uma raça superior sobre o resto do mundo. Os responsáveis pelos sites neonazistas costumam agir de forma articulada e planejada, se precavendo com possíveis restrições ou processos criminais. Para tanto, se utilizam de diversos mecanismos dos avanços tecnológicos para que seus computadores não possam ser rastreados. (p. 80)

Ainda tratando sobre os discursos de ódio e preconceito disseminados no ambiente virtual, estes mesmos são permeados por *fake news*, ou seja, notícias falsas e sem fundamento, criadas para atingir alguém ou algum grupo de maneira negativa. Freud em *Psicologia das Massas* utiliza a descrição de Le Bon da mente grupal, e dentre as diversas características apresentadas, destaca-se que os grupos nunca almejam a verdade, exigindo ilusões e não podendo viver sem elas. São mais influenciados por aquilo que é falso quanto pelo que é verdadeiro e na grande maioria das vezes, não distinguem entre ambas (LE BON, 1895 apud FREUD, 1921).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa realizada e da escrita desenvolvida, conclui-se que ambos os grupos citados surgiram em momentos de crise social, política e econômica, identificaram-se entre si e buscaram união e força na coletividade para expressarem sua insatisfação. Desejaram também um pai simbólico para seguir e temer, que os organizassem em uma base patriarcal. Os discursos sem compromisso com a verdade também são característicos desses grupos, uma vez que não podem viver sem essas ilusões. As *fake news* são muito disseminadas no ambiente virtual, locus onde encontram seus semelhantes e neste, constituem identificações.



É necessário que esses grupos extremistas sejam olhados com cuidado, pois muitos crimes já foram realizados em nome de seus ideais. Com relação aos neonazistas, estes grupos são relativamente pequenos, e podem parecer insignificantes e inofensivos, porém um grupo, por menor que seja, pode tomar grandes dimensões, podendo gerar resultados preocupantes e repetir capítulos violentos da história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Guilherme Ignácio Franco de. A trajetória da extrema direita no Brasil: integralismo, neonazismo e revisionismo histórico (1930 - 2012). **Anais do V Simpósio Internacional Lutas Sociais na América Latina “Revoluções nas Américas: passado, presente e futuro”**. Grupo de Estudos de Política da América Latina, p. 72-86, set. 2013.
- FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu e outros trabalhos (1913-1914)**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.
- FREUD, Sigmund. **Além do Princípio de Prazer, Psicologia de Grupo e outros trabalhos (1920-1922)**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.
- LOPES, Wallace Alan Blois. **Análise do crescimento de grupos neonazistas no Brasil**. Monografia (Graduação em Direito) - Universidade Federal do Maranhão. São Luís, p. 96, 2016.
- INDURSKY, Alexei Conte. Psicanálise, fascismo e populismo: notas sobre a emergência do bolsonarismo no Brasil. **Teoria y Critica de la Psicologia**. v. 14, p. 150-162, 2020.